

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)  
14 e 30 de abril de 2025

## JEUNESSE / 2016 (Juventude)

Um filme de JULIEN SAMANI

*Realização:* Julien Samani / *Argumento:* Julien Samani e Camille Fontaine, a partir do conto “Youth” de Joseph Conrad / *Diálogos:* Harvey F. Thew / *Direção de fotografia:* Simon Beaufile / *Operadora de 2ª câmara:* Lisa Persson / *Decoração:* Paula Szabo / *Adereços:* João Paulo Santos / *Guarda-roupa:* Marta do Vale / *Maquilhagem:* Íris Peleira / *Som:* Francisco Veloso / *Montagem de som:* Emmanuel Soland / *Bruitage:* Pascal Mazière / *Misturas:* Benjamin Viau / *Montagem:* Julie Dupré / *Colaboração na montagem:* Marie-Pierre Frappier / *Assistente de montagem:* Baptiste Saint-Dizier / *Música original:* Ulysse Klotz / *Supervisão musical:* Vivien Kiper / *Interpretação:* Kévin Azaïs (Zico), Samir Guesmi (José Géraud), Jean-François Stévenin (capitão Firmin Paillet), Lazare Minoungou (Moctar), David Chour (Kong), Bastien Ughetto (Yoyo), Camille Polet (Mélanie), Miguel Borges (Pedro), António Simão (Lionel), Patrick Grandperret (voz), Paulino Monteiro (homem da t-shirt amarela), Michel Pincaro (homem desdentado), Hélder Silva (marinheiro do bar de rum).

*Produção:* Alfama Films, Leopardo Filmes (França, Portugal, 2016), com a participação financeira do Centre National du Cinéma et de l’Image Animée e de Ciné+, em associação com Cinéimage 10 / *Produção associada:* Les Films d’Ici / *Produtor:* Paulo Branco / *Produtor associado:* Serge Lalou / *Direção de produção:* Ana Pinhão Moura / *Chefe de produção:* Sofia Carvalho / *Responsável pela produção e pós-produção:* Raoul Peruzzi / *Etalonagem:* Caïque de Souza / *Cópia:* Leopardo Filmes, DCP, colorida, falada em francês e português, com legendas em português / *Duração:* 83 minutos / *Estreia:* 10 de agosto de 2016, Festival de Locarno / *Estreia nacional:* novembro de 2016, Festival LEFFEST / *Estreia comercial portuguesa:* 13 de abril de 2017, Cinema Monumental / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

Nos anos dez deste século, o produtor Paulo Branco foi responsável por (ou esteve envolvido em) três adaptações de obras de Joseph Conrad: **La Folie Almayer** (2011), de Chantal Akerman, **Posto Avançado do Progresso** (2016), de Hugo Vieira da Silva e, no mesmo ano, o presente **Jeunesse**. A estes, poder-se-ia juntar o *conradiano* **Mosquito** (2020), de João Nuno Pinto, que se inspira vagamente em *Heart of Darkness*. Estes são todos filmes de realizadores diferentes, marcados pelos estilos e preocupações individuais de cada um, mas que, justamente pela proximidade temporal, pelas condições das rodagens e pela relação com o passado colonial português (com exceção do filme de Akerman) têm, de alguma forma, também a marca de um produtor. De facto, o fascínio aventureiro de Branco pelo continente africano reflete-se na sua filmografia desde, pelo menos os anos 1980. Não fará sentido elencar todas as “produções Branco” rodadas – total ou parcialmente – em África, mas convirá lembrar as aventuras senegalesas de **L’île au trésor / Treasure Island** (1985), de Raúl Ruiz, e de **NON ou a Vã Glória de Mandar** (1990), de Manoel de Oliveira, que, independentemente das origens literárias (Robert Louis Stevenson, para o primeiro, Camões, Padre António Vieira, Garrett, Pessoa, *et al*, no segundo), são, elas mesmas, enquanto experiências rocambolescas de produção, filmes tocados pela impotência do homem branco em terras longínquas – isto é, rodagens tocadas pela doença da imobilidade tipicamente *conradiana*.

O caso de **Jeunesse**, no entanto, é bastante particular. Vindo da prática documental, Julien Samani teve aqui a sua estreia na ficção – sendo que, desde 2016, não realizou outro filme. Segundo o próprio, o interesse pela obra literária de Joseph Conrad foi mais ou menos casuístico e o interesse pelo conto *Youth* prendeu-se mais com o seu próprio universo cinematográfico precedente. Pois bem, em 2004 Samani realizou a média-metragem **La peau troée**, documentário de cinquenta minutos sobre cinco pescadores que ganham a vida nos violentos mares da costa irlandesa. O filme foi um pequeno fenómeno no circuito dos festivais de documentário (deu a Samani uma série de prémios, entre eles o Grande Prémio de Entrevues, o Grande Prémio de Brive, o Prémio de Inovação do Visions e, mais importante, o prémio Jean Vigo para melhor curta-metragem). Terá sido numa das múltiplas sessões desse filme que, por acaso, uma sobrinha distante de Conrad lhe terá falado da obra do tio-avô. “Perguntou-me se conhecia a obra de Conrad. Disse-lhe que não e ela encorajou-me a ir descobri-la. De regresso

a casa, li tudo o que o escritor havia escrito, incluindo o conto *Youth*, que se tornou de imediato um dos meus preferidos. Nessa altura, andava à procura de um romance para adaptar a cinema, para aquele que seria o meu projeto seguinte. Naturalmente fixei-me a esse texto que me tinha marcado tanto.” Eis a génese do projeto. E eis também o processo de “identificação” do realizador com a obra do escritor através de uma *short story* que prolonga e desenvolve aquelas que eram as preocupações do próprio cineasta: a saber, o isolamento marítimo, o espaço fechado do barco, o microcosmos masculino, a violência das forças da natureza, o delírio e o mito.

Regressando à mesma entrevista, explica Samani: “*Youth* é um livro abstrato. As personagens estão pouco desenvolvidas, assim como os locais da ação. [...] é memorialista e descreve uma experiência de interioridade que começa e acaba no eu narrativo. De qualquer modo há uma linha narrativa: uma viagem de barco para outro continente que culmina em naufrágio. Mas tudo filtrado pela recollecção e pela fantasia. Qualquer adaptação tem de preservar esta dimensão onírica, além das personagens e os seus conflitos.” Acrescentando, “Por norma, todos os meus documentários **La Peau Trouée**, **Sur la Piste** (2006) e **Les Hommes de la forêt 21** (2007) contam histórias de homens que habitam ambientes hostis e lutam contra os elementos. O que me atrai é a auto-transcendência. São histórias de masculinidade atravessadas pela solidão, o desolamento e a desilusão.”

*Youth* é tudo isso: uma das obras de Conrad mais marcadamente autobiográficas, é também aquela em que, pela primeira vez, o escritor desenha a personagem de Charles Marlow (na novela com 42 anos, recordando as aventuras da “juventude”), a partir da qual desenvolverá, posteriormente, *Lord Jim*, *Chance* e *Heart of Darkness*. Se a narrativa de Conrad leva o jovem Marlow de Londres em direção à Ásia (mais especificamente a Banguécoque), o filme de Samani (que preserva o nome do cargueiro, “Judea”, em francês “Judée”) altera – de forma significativa – os locais de partida e destino: partem de Le Havre (enunciando subtilmente a questão da crise migratória, tão premente naquele porto) e rumam a Luanda (terra de múltiplas possibilidades, de grande aventuras e de “dinheiro”, mas também terra do vírus da ebola e do Boko Haram). Julien Samani entende o texto de Conrad à luz dos “tropos” do cinema contemporâneo, convertendo *Youth* numa história *coming of age*, onde um rapaz imberbe se confronta, pela primeira vez, com a tragédia e a derrocada da esperança. Esta releitura é marcada não só pela ressignificação dos imaginários do exotismo (Ásia no início do século XX, África no início do século XXI), mas também pelos esquemas narrativos dominante do cinema de autor atual e por condicionantes de produção (**Jeunesse** é uma auto-coprodução luso-francesa com rodagem nesses países – aliás, o filme nunca chega a sair de águas portuguesas).

É precisamente aí que **Jeunesse** se define, a partir do trabalho sobre as suas limitações. É um filme feito – para usar a expressão francesa – com *moyens de fortune*. E é, por isso mesmo, um filme que tem o charme do minimalismo. Samani reduz tudo – porque tem de o fazer (questões financeiras) e porque a partir dessa redução se extrai algo mais concentrado (e concentracionário). A pobreza da produção transforma o filme numa espécie de esboço – como, em certa medida, também *Youth* é – e mesmo as situações se transformam em meros enunciados. As personagens são apenas silhuetas. O drama é já uma mastigação distante (no limite da autorreflexividade). O tempo, o espaço, a geografia, a paisagem, as línguas, os conflitos, tudo é já não mais do que um traço fino, rápido, esfumado. O resultado é que o filme se constrói enquanto reflexão sobre o artifício narrativo e sobre a graça dos efeitos, revelando-se como retrato da sua própria impotência. Aí, nesse desnudamento total (levado ao limite de, num filme sobre travessias marítimas, quase tudo ser filmado em barcos atracados – a tempestade é quase uma paródia dos efeitos clássicos, ao passo que a explosão digital se transforma numa paródia dos efeitos contemporâneos), Samani exhibe a força desarmante da inocência, de uma certa ingenuidade de *juventude*. Propositadamente ou não, **Jeunesse** acaba por retratar não só o desalento do herói romântico como a desilusão do cineasta aventureiro.